



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ANDRÉ BERNARDO FINDA

**SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CULTURAL POR MEIO DA
ORALIDADE: UM OLHAR PARA O MUNICÍPIO DO NZETO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2025**

ANDRÉ BERNARDO FINDA

**SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CULTURAL POR MEIO DA
ORALIDADE: UM OLHAR PARA O MUNICÍPIO DO NZETO**

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2025**

ANDRÉ BERNARDO FINDA

**SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CULTURAL POR MEIO DA
ORALIDADE: UM OLHAR PARA O MUNICÍPIO DO NZETO**

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB - Campus dos Malês.

Aprovado em: 28/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Bas'Ilile Malomalo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Paulo Alves Junior

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	HIPÓTESE E PROBLEMA DE PESQUISA	7
3	OBJETIVOS	7
3.1	GERAL	7
3.2	ESPECÍFICOS	7
4	JUSTIFICATIVA	8
5	REFERENCIAL TEÓRICO	9
6	METODOLOGIA	19
7	CRONOGRAMA	21
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Neste presente tema, pretendo abordar sobre um assunto muito importante que, com o passar do tempo, está sendo muito desvalorizado nos dias atuais no município do Nzeto. Trata-se das formas de transmissão cultural de conhecimentos passados de geração a geração, e o papel dos sobas dentro das comunidades na preservação da oralidade como meio de transmissão dos conhecimentos.

A oralidade é uma marca fundamental na compreensão das culturas africanas. É a maneira que os nossos mais velhos encontraram de nos ensinar os conhecimentos que eles aprenderam com as suas vivências e o que foram passados pelos seus ancestrais por meio de histórias, metáforas, músicas e danças de forma comunicativa quando verbalizada nos processos de ensinamentos, certamente porque muitos destes mais velhos não aprenderam a ler e escrever.

Para os ambrizetanos, as narrativas construídas como base de ensinamentos orais sempre foram vistas como uma perspectiva de apreensão da valorização da cultura, das tradições e da história desse povo, bem como a utilização das músicas tradicionais como metodologia de ensino e transmissão de conhecimentos. Através das narrativas e da música, comunica-se a história, a vivência, os valores, os saberes e conhecimentos. Todas essas realidades se expressam na corporeidade negra, nas suas falas, danças, músicas e rituais.

Os saberes comunicados por essas matrizes africanas encontram nos diversos tipos de rodas, espaço propício para compartilhamento da herança ancestral (Rocha; Silva, 2015). Ademais, Nzeto é um dos municípios pertencente da província do Zaire, país Angola, o município tem uma superfície de 10.120 quilómetros quadrados e tem uma população estimada em 41.627 habitantes, distribuída em quatro comunas, nomeadamente Kindeje, Kibala Norte, Musserra e o município do Nzeto. Situado a Norte da província do Bengo e a escassos quilómetros da capital do país, o Nzeto afigura-se como uma porta de acesso para quem viaja por terras do município do interior do Zaire, assim como para as regiões do Ambriz (Bengo), Maquela do Zombo e Bembe, Uíge, e dali chegar à República Democrática do Congo (RDC).

Pretendo alcançar com essa pesquisa resultados que possam esclarecer os motivos que levam a transmissão do conhecimento cultural por meio da oralidade, pois embora muitos hoje ignoram esses conhecimentos tradicionais e culturas adquiridos de forma oral. Porém isso não significa que as mesmas não funcionam ou nunca funcionaram, ou seja, esses métodos de transmissão de conhecimento nos dias atuais não possam servir como uma ferramenta de educação cultural adequada para o ensinamento da sociedade ambrizetana nos dias atuais.

A oralidade é uma marca fundamental na compreensão das culturas africanas. “Por uma questão cultural, na tradição do povo negro o conhecimento tem na oralidade a sua fonte fundamental, ao passo que a escrita ainda que detenha certa importância, é menos utilizada” (Rocha; Silva, 2015, p. 245).

Desde os tempos passados, a transmissão das tradições do povo do município do Nzeto foi passada de geração em geração para manter a salvo os costumes tradicionais, nos dias de lua cheia, ao ar livre, é quando devem ser transmitidos os conhecimentos culturais de cada família ao mais novos, assim como os anciões do município recomendam que devem ser feitos a transmissão destes conhecimentos com bastante cuidado. Através dos espíritos dos ancestrais mencionados na hora dos ensinamentos das tradições orais não serem desrespeitados por serem mencionados sem motivos urgentes. Com o passar do tempo, esses costumes foram deixados para trás e o povo está cada vez mais afastado das suas maneiras de passar esses conhecimentos culturais por meio da oralidade.

Entre as narrativas, os mitos são uma forma de linguagem que visa à transmissão do saber, mesmo com a transcrição de alguns mitos por estudiosos, sua construção e transmissão permanecem através da oralidade. A tradição oral recorre, a todo o momento, à memória, por vezes através de um mito, de um passado, como forma de legitimação e construção de suas raízes (Silva, 2017, p. 15).

Na contemporaneidade novas possibilidades de tratamento do conhecimento têm sido recobradas, o que tem proporcionado uma riqueza imensurável no modo como as diferentes tradições culturais se apresentam e dão a sua contribuição no processo de valorização das diferenças culturais (Rocha; Silva, 2015).

Dentro deste contexto, Nzeto é um município que sempre preservou as suas culturas, passadas de forma oral, deixados pelos primeiros reis que lideraram o povo e os seus ensinamentos sobreviveram até hoje, o que fez muitas outras províncias e outros países olhar para o Zaire, adquirindo o título de património mundial e outras características ao se expandir pelo mundo.

Para Silva (2017) a questão da tradição é, pois, muito complexa, uma vez que não se trata apenas de elementos determinados de uma cultura que se mantém ao longo do tempo. Estes elementos interagem entre si de tal forma que a mudança está sempre presente na tradição. Trata-se de uma interação entre presente e passado, uma forma de manutenção do passado pelo olhar marcado pelo presente. Tal caráter, faz com que a tradição seja sempre reinventada, estabelecendo a construção de identidade de um grupo, seus limites e suas especificidades, que os diferenciam dos demais.

E a transmissão oral é o que interligava os indivíduos, a comunidade, sua ancestralidade, a experiência dos que já vivenciaram durante o tempo da seca no município, que precisaram ser transmitidos oralmente para se poder resolver todo o processo que a população tem passado, e que tem que ser um aprendizado tradicional que é a principal fonte para a resolução da comunidade ambrizetana com relação a problemas espirituais e culturais.

2 HIPÓTESE E PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa é composta pelas seguintes hipóteses: primeiro, a oralidade desempenha um papel fundamental para o município de Nzeto, visto que, é um povo bastante conservador da sua cultura.

Segunda hipótese, os conhecimentos orais são fundamentais e perduram nas comunidades tradicionais africanas por longos períodos. Terceira hipótese, a oralidade entre a comunidade ambrizetana é vista como algo valioso porque ela faz com que nos tempos atuais se preserve os saberes deixados pelos ancestrais.

Partindo dessas questões, a pesquisa tem a seguinte problemática: sabendo que os conhecimentos orais são vistos como uma das principais formas de transmissão de saberes entre os povos africanos, e qual a importância desses conhecimentos? Quais saberes tradicionais representam para a comunidade ambrizetana?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Analisar a importância da oralidade no município do Nzeto destacando sua relevância para o povo ambrizetano.

3.2 ESPECÍFICOS

- Descrever a tradição do Nzeto dentro das atividades culturais passados para os sobas e coordenadores dos bairros da localidade.

- Analisar como os conhecimentos tradicionais culturais do Nzeto contribuem para a resolução dos problemas enfrentados pelo município.
- Identificar os motivos para a desvalorização dos conhecimentos culturais da tradição adquirida de forma oral.
- Investigar as formas de transmissão do conhecimento tradicional do povo do Nzeto, passado de geração a geração em língua nacional e para que servem esses conhecimentos.
- Compreender a importância da tradição oral na comunicação e preservação cultural do Nzeto.

4 JUSTIFICATIVA

A importância desta pesquisa busca destaca a investigação para melhor entendermos como as formas de tradições culturais do município do Nzeto podem sobreviver, e de que forma são repassadas às diferentes comunas do Nzeto. Entender o que é a oralidade, compreender como as tradições orais são vistas nos dias de hoje, e de que forma essas tradições podem ser respeitadas nos dias atuais, com intuito de valorização da cultura ambrizetana.

Pretendo realizar essa proposta de pesquisa, porque é notório que a transmissão do conhecimento cultural por meio da oralidade é um assunto que tem sido motivo de investigação de vários autores renomados e especificamente africanos que estão despertando grandes interesses pelas culturas africanas, porém, este estudo se justifica pela contribuição de ser alcançado e que o mesmo pode oferecer ao tratar do tema proposto com uma maior imersão.

Será de extrema importância realizar este tipo de pesquisa, pois, vai ajudar na percepção sobre o conhecimento da tradição cultural transmitidos de forma oral, provocar mais interesses de investigação profunda sobre o tema e será de suma importância despertar estudos sobre as formas distintas de transmissão de conhecimentos tradicionais de forma oral, desde os mais novos até os mais velhos das comunidades culturais do município do Nzeto.

Entretanto, é de grande importância destacar que a pesquisa reside em melhor investigação, mais profunda sobre a oralidade para uma melhor compreensão de como as formas de tradições culturais do município do Nzeto persistem e como podem sobreviver e serem transmitidas nas diferentes comunas do município, bem como compreender o papel dos sobras nesse processo da oralidade. Buscar entender, não apenas, como as tradições orais são percebidas nos dias atuais, de que maneira podem ser preservadas e quem são os responsáveis

pela sua preservação dentro das comunidades, mas também, entender as formas de preservação dessas culturas e respeito, a valorização e o respeito à cultura ambrizetana.

Esta proposta de pesquisa é justificada pela necessidade de contribuir para um maior entendimento da transmissão do conhecimento cultural, através da oralidade, um tema que tem recebido atenção de renomados autores africanos, como Hampâté-Bâ, que enfatizam a importância de preservar as tradições vivas.

A reflexão de Hampâté-Bâ, nos leva a grande estímulo para advertir a pesquisa sobre os perigos da idade da perda onde começa as tradições orais, alertando que o surgimento da escrita poderia levar ao empobrecimento espiritual e cultural das essências das sociedades africanas. Ele defende a necessidade de valorizar, preservar e revitalizar as tradições vivas, levando a pensar o respeito pela sabedoria dos anciãos e o fortalecimento dos laços culturais, destacando a vitalidade da oralidade como um veículo poderoso para a transmissão de sabedoria e valores ao longo das gerações vindouras.

A pesquisa tende a incentivar estudos sobre a oralidade para ampliar a percepção sobre as tradições culturais transmitidas oralmente, levando o estímulo de um maior interesse e investigação sobre o assunto, essa teoria de oralidade. Pois é fundamental buscar as diversas formas pelas quais o conhecimento tradicional é passado oralmente pelos sobas e corneadores, para os mais jovens até os mais velhos, nas comunidades culturais do município do Nzeto.

A realização dessa proposta de pesquisa se justifica pela necessidade de contribuir com um maior entendimento sobre a transmissão do conhecimento cultural por meio da oralidade. Ademais, realizar este tipo de pesquisa, irá ampliar a percepção sobre o conhecimento das tradições culturais transmitidas oralmente em várias comunidades africanas, estimulando o interesse e a investigação sobre esses conhecimentos que muitos chamam de conhecimento popular.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

De tal forma, outras culturas africanas do município do Nzeto, preservam a oralidade como meio de transmissão dos conhecimentos culturais, em virtude de salvaguardar as suas tradições e rituais culturais para a proteção das suas terras e os lugares sagrados que servem para a resolução dos seus problemas. Para os ambrizetanos as palavras, ou seja, os ensinamentos orais deixados pelos seus ancestrais não podem ser escritos, para não cair em mãos erradas.

Pois essas palavras podem trazer muitos problemas ao município se cair em mãos erradas ou se forem mal dirigidas.

As tradições desconcertam o historiador contemporâneo – imerso em tão grande número de evidências escritas, vendo-se obrigado, por isso, a desenvolver técnicas de leitura rápida – pelo simples fato de bastar à compreensão da repetição dos mesmos dados em diversas mensagens. As tradições requerem um retorno contínuo à fonte. Fu Kiau, do Zaire, diz, com razão, que é ingenuidade ler um texto oral uma ou duas vezes e supor que já o compreendemos. Ele deve ser escutado, decorado, digerido internamente, como um poema, e cuidadosamente examinado para que se possam apreender seus muitos significados – ao menos no caso de se tratar de uma elocução importante. O historiador deve, portanto, aprender a trabalhar mais lentamente, refletir, para embrenhar-se numa representação coletiva, já que o corpus da tradição é a memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma. Muitos estudiosos africanos, como Amadou Hampâté-Bâ ou Boubou Hama, muito eloquentemente têm expressado esse mesmo raciocínio. (Vansina, 1961, p. 140).

Portanto, quando queremos buscar entender a tradição oral dos povos africanos temos que ter em conta que as suas tradições são sempre mantidas através da participação de cada cidadão dessas comunidades, se tornando um único responsável por carregar os saberes e história de seu povo, além de conhecer os princípios de sua família e ser responsável de repassar os ensinamentos religiosos, feitos das gerações anteriores de sua família e comunidade, pois não há um livro sagrado com os ensinamentos e com o conhecimento de cada um escrito, assim como outros povos tem feito, as comunidades africanas ainda confiam os seus maior saberes de forma oral que é compartilhado entre membros de mesma etnia ou familiar, através dos rituais, mitos e da história por traz da oralidade (Silva, 2017).

Ademais, Gomes (2021), enfatiza sobre alerta a preservação e os desafios enfrentados a tradição oral angolana, especialmente devido às guerras prolongadas que deslocaram populações e enfraqueceram os laços tradicionais em Angola, afirmando que a figura do griot, o contador de histórias tradicional em Angola tem desaparecido, o que torna uma ameaça a transmissão dessas tradições culturais Angolana. Ele busca lembrar a necessidade urgente de coletar, documentar e preservar essas expressões culturais locais para garantir que as futuras gerações possam acessar e apreciar essa herança rica que Angola tem, lembrando a importância da tradição oral no contexto angolano, ressaltando seu papel vital na manutenção da identidade cultural e na transmissão de conhecimentos culturais e os seus valores essenciais das comunidades bantu.

Segundo Silva (2017), a questão da tradição é, pois, muito complexa, uma vez que não se trata apenas de elementos determinados de uma cultura que se mantém ao longo do tempo; Estes elementos interagem entre si de tal forma que a mudança está sempre presente na tradição.

Trata-se de uma interação entre presente e passado, uma forma de manutenção do passado pelo olhar marcado pelo presente. Tal caráter faz com que a tradição seja sempre reinventada, estabelecendo a construção de identidade de um grupo, seus limites e suas especificidades, que os diferenciam dos demais.

A oralidade é, portanto, uma forma de transmitir essa tradição, uma vez que não há uma preocupação em se escrever essa tradição, mas antes, em contá-la ao seu fiel, utilizando a palavra falada como principal veículo de manutenção da tradição, de justificação e reconhecimento do contínuo processo de construção de uma identidade religiosa (Silva, 2017, p. 18).

Nas culturas ditas orais, a interpretação das palavras enquanto som faz com que a sua pronúncia seja associada ao poder mágico. A palavra, uma vez proferida, é esvaziada de todo o seu sentido e não tem mais razão de existir. O som tem o poder de determinar, não só o tempo de duração, mas também, de permitir que o que é falado se torne real e palpável na medida em que é pronunciado. Desta forma, não há uma preocupação em se registrar o que foi dito, uma vez que seria aprisionar uma palavra, perdendo o efeito mágico do instante em que foi dito, congelando-a no tempo e esvaindo-a de seu hálito original (Silva, 2017).

Segundo Pires, (2008), os africanos, sendo um povo onde sua cultura tem como principal característica enfatizar o emprego da oralidade como meio de transmissão do conhecimento cultural e saberes sagrado das suas comunidades, o fazem de forma muito distinta dos padrões culturais europeus. Sob a ótica do povo africano, a palavra expressa de forma oral possui um grande valor simbólico e ancestral, sendo atribuído à mesma, um nível de relevância tamanho que chega a ser vista como um elemento místico capaz de interagir com o mundo invisível de maneira a criar uma ponte de interação com o mundo visível ou até mesmo destruir as suas próprias comunidades.

Para Pires, a oralidade pode expressar aspectos místicos e sagrado dos povos originário, ou apenas relatar fatos ocorridos durante um determinado período histórico. Para os povos do Ocidente africano, a fala humana é vista como o poder da criação. “Na África Ocidental, a fala é considerada a materialização das forças místicas interiores do espírito. Devemos entender que de uma maneira geral, todas as tradições africanas postulam uma visão mística do mundo” (Pires, 2008, p. 17).

Segundo Pires (2008), diante de tais fatores, seria um grande erro considerarmos que a civilização africana era primitiva por priorizar a comunicação oral em detrimento da escrita. Para que as tradições orais de uma civilização sejam bem compreendidas, faz-se necessário observar a atitude da mesma em relação ao discurso. Tal postura é completamente diferente das civilizações que registram de forma escrita todas as mensagens importantes. Por outro lado,

uma sociedade oral faz o uso da palavra como uma forma de se preservar a sabedoria ancestral através do testemunho verbal.

Além disso, para Pires (2008), existem diversas definições sobre a tradição oral, porém dificilmente conseguem defini-la completamente, devido à imensa gama de elementos que a caracteriza. Sendo assim, para entendermos a tradição oral, precisamos identificar elementos como o verbalismo e suas diferentes formas de transmissão. Muitas vezes a tradição oral é delimitada por rigorosas regras que têm por objetivo padronizar a verbalização e seus meios de difusão. Porém, existem tradições onde os seus difusores, têm total liberdade de transmitir o conhecimento. Entretanto para o colonizador, as tradições sendo cultuadas por um povo, impedem ou então dificultam o seu domínio. Sendo assim, os tradicionalistas passaram a ser perseguidos ou então desacreditados pelo poder colonial para que suas próprias ideias pudessem prevalecer ao invés da tradição original.

Segundo Santos Filho (2017), com a oralidade os africanos interligam-se numa dinâmica que fundamenta suas existências e relações. Toda palavra tem um valor moral e reflete a magia do que é sagrado. Isso não é um caso isolado, embora a África seja um continente vasto, mas é sabido que quase toda sua extensão, talvez podemos dizer toda sua população, (ou parte dela) se apropria da fala como ponto pacífico de ligação com o outro, a partir da transmissão de conhecimentos. De geração em geração a oralidade vem perpetuando as experiências e conhecimentos dos povos africanos que dessa forma construiu e propagou sua cultura. As sociedades africanas valorizam a fala com tal intensidade que a tornam sagrada, logo, esse instrumento comunicativo se faz primordial, pois está diretamente ligado ao Ser Divino da criação.

Ademais, Santo Filho (2017), leva-nos a pensar que o respeito à fala está também ligado ao respeito aos ancestrais e aos anciãos, sendo estes, fontes de histórias valorizadas e perpetuadas pelos africanos. Isto indica que os ensinamentos ancestrais são alicerces da constituição das sociedades africanas, bem como as palavras proferidas pelos mais velhos têm importância e veracidade inquestionável para os seus. Por essa razão, é dada indispensável atenção aos ancestrais e aos idosos, de forma a cultivar o conteúdo transmitido e guardar como tesouro, mas um tesouro aberto a ser compartilhado, uma herança transmitida entre as gerações.

Santos Filho (2017), nos leva afirmar que a transmissão oral é de suma importância para os africanos, pois sempre foram educados por meio da oralidade, hábitos e costumes esses que foram passados entre as gerações de seu povo, os sábios e os mais velhos das comunidades são encarregados de transmitir o que lhes foi ensinado a preservar desde mais novos até se tornar sábios como as memórias coletivas e histórias de seu povo. Num exercício constante de

fala, escuta e memorização, os africanos se organizaram ao longo dos tempos e erigiram seus grupos familiares e comunitários. Conduzidos pela tradição oral edificaram suas famílias, religiões, associações e instituições diversas, e especialmente desta forma se educam. Orientados pela oralidade, os indivíduos interligam-se uns com os outros e trocam conhecimentos e experiências relevantes para todos, num aprendizado coletivo.

Santos Filho *et al.* (2017) afirma que na África a oralidade compreende uma das principais tradições que repercute em toda existência de seus habitantes e se faz presente nos relacionamentos, nas interações sociais. Daí a prudência que envolve a oralidade, pois dela são extraídos concepções e valores que formaram o legado de um povo. Os africanos reconhecem a palavra como algo divino com energias e forças invisíveis, impalpáveis, mas reais. Por isso nada pode ser dito aleatoriamente, palavras não devem ser proferidas a esmo.

Segundo Rocha (2017), existem diversas formas de transmissão de conhecimentos construídas no universo das culturas populares, utilizando-se da oralidade. A oralidade é uma marca fundamental na compreensão das culturas africanas. É uma herança direta da cultura africana deixada pelos nossos ancestrais, que se transforma em uma força comunicativa quando verbalizada de maneiras corretas nos processos de ensinamentos. Pois são apresentados aqui estratos de narrativas construídas em uma perspectiva de apreensão da história dos negros, bem como a utilização da música popular como metodologia de ensino e transmissão de conhecimentos.

Através das narrativas e da música, comunica-se a história, a vivência, os valores, os saberes e conhecimentos de vários povos. “Todas essas realidades se expressam na corporeidade negra, nas suas falas, danças, músicas e rituais. Os saberes comunicados por essas matrizes africanas encontram nos diversos tipos de rodas espaço profícuo para compartilhamento da herança ancestral passada de geração a geração utilizando a oralidade como meio de transmissão dos conhecimentos culturais e as experiências de vida desses mais velhos” (Rocha, 2017, p. 26).

Na tradição cultural ambrizetana a transmissão cultural que mais se destaca é os conhecimentos transmitidos para os sobas e regedores que são os responsáveis dos bairros em termo tradicional e cultural. E não só cuidar da população dos bairros que pertencem, como também são responsáveis por cuidar os lugares sagrados da sua localidade e do município.

Para exercer o cargo de Soba a pessoa não basta só ter o conhecimento tradicionais e culturas destes lugares ou pertencer a família que veio das mesma terra ou que a sua família são as que permaneceram no lugar até chegar novas pessoas e conseguem manter a ordem cultural tradicionais da terras depois da chegada de novas pessoas no bairro, eles são submetidos a testes

com base as tradições deixadas de forma oral pelos ancestrais que pertenceram as terra antes de ser habitadas por outra população.

Diante de tais argumentos, ainda de acordo com Silva (2017), a oralidade representa uma atitude diante da realidade dos fatos vividos e não uma ausência de habilidade para reproduzir os acontecimentos ocorridos. De forma bem diferente de textos escritos, no que se refere à leitura e interpretação de um registro, um registro oral deve ser executado, decorado, digerido e muitas vezes exige-se um retorno constante à fonte para que o seu verdadeiro significado seja literalmente compreendido. Muitos estudiosos africanos como Amadou Hampâté-Bâ afirmam que ao se estudar a tradição oral africana, deve-se aprender a trabalhar mais lentamente para que sejam entendidos e assimilados elementos de uma memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma.

Segundo os Sobas e as anciãs se essas tradições culturais forem informadas a essa população que for apropriar se das terras eles vão estar amaldiçoados e nada que for plantado naquela terra vai prosperar assim como qualquer planta ou filhos que forem nascidos naquela terra. Pois os conhecimentos sobre os lugares sagrados dessa terra o povo não saberá e os rituais feitos não serão passados a essa população que se apropriou dessa terra. Pois esses conhecimentos foram passados de forma oral e assim sempre será feito para a melhor preservação desses conhecimentos.

Entretanto, Gomes (2021), leva-nos a olhar as tentativas de categorizar as tradição oral angolana e a Importância da Tradição Oral na Cultura Bantu, destacando vários autor que olharam as várias maneiras de transmissão de conhecimento cultural por meio da oralidade nas comunidades Angolanas, tal como Héli Chatelain 1894, que Identificou provérbios ou adágios e contos ou apólogos como componentes principais da literatura oral, assim Mário Milheiros 1967, segue com a Classificação ao folclore angolano em contos, fábulas, adivinhas, danças festivas, música, canções, instrumentos, contagens, jogos que entreténs aprendizagem a comunidade e fenómenos atmosféricos, por outro lado José Redinha 1975, Apresentou uma classificação de maneira mais detalhada, afirmando que embora reconhecesse a falta de um inventário completo do folclore angolano, o autor afirma que a tradição oral varia de um município para outro, assim como, a arte e artesanato, mitos e elementos culturais veiculados por relatos, rituais religiosos, fitoterapia e psicoterapia, e farmacopeia. Pois, a tradição oral desempenha um papel central na transmissão de conhecimentos de cada região de Angola, os seus valores e histórias nas sociedades bantu em geral.

O que nos leva a explorar as palavras em kikongo que abrange uma ampla gama de expressões culturais na transmissão de conhecimento cultural por meio da oralidade ambrizetana em provérbio:

Weda ye koza vutuka ye koza: vai com alguma coisa e volta com alguma coisa, ”(quando tiver o costume de ofertar algo a uma pessoa ou ao universo você sempre terá alguma coisa de recompensa também). ”

E Diyanga dya fuila e o mbwa nzenza kaká di nuanga: a lagoa que morreu o cachorro, só visitante bebe da água da lagoa, ”(nunca chegue em um local desconhecido fazendo o que bem entender, procura se informar direito aos mais velhos para te orientar o que você deve ou não fazer, para não acabar fazendo o que não devia ou beber da água imprópria para consumo) ”.

Fuku wa aleka ke fuku ya mambu ko: a noite é para dormir, não é para brigar. “Evite brigar ou resolver os problemas de noite, porque a noite é o período na qual muitos espíritos estão perambulando”...pois, os ambrizetanos acreditam que o dia é para os vivos e a noite é dos espíritos, o que leva a pensar que resolver problemas de noite estariam desrespeitando os seus ancestrais.

Long’o muana o kwenda kumakino ke dyona o tuka kumakinuko: ensina a criança que vai na balada, não a criança que está saindo da balada. “ Ensine as crianças sobre as coisas que ele vai ter que enfrentar na vida adulta, não espera eles ficarem adultos para depois ensinar o que ele pode ou não fazer depois que ele atingir a vida adulta.

Para que as tradições orais de uma civilização sejam bem compreendidas, faz-se necessário observar a atitude da mesma em relação ao discurso. Tal postura é completamente diferente das civilizações que registram de forma escrita todas as mensagens importantes. Por outro lado, uma sociedade oral faz o uso da palavra como uma forma de se preservar a sabedoria ancestral através do testemunho verbal. (Pires, 2008, p.18).

De acordo com as tradições ambrizetana as famílias têm suas tradições culturais para ajudar na resolução de alguns problemas que podem vir surgir dentro do seio familiar, tais como óbitos, casamento, roubo e outros problemas espirituais que surgirem, para tal responsabilidade, é escolhido o primogênito, para carregar o título de chefe da família, a partir daí nada deve ser feito, sem a sua presença ou sem a sua palavra final. Pois para os ambrizetano as palavras deixadas pelo seus ancestrais valem mais que a sua própria vida.

Hampâté-Bâ (1972), afirma que a oralidade e tradições vivas na transmissão do conhecimento e na preservação da identidade cultural africana, a tradição oral consegue

colocar-se ao alcance da orientação e das sociedades africanas, que por meio da oralidade os líderes comunitários conseguem manter a ordem de acordo com o entendimento dos ensinamentos adquiridos de forma hierárquica por meio da oralidade, e revelar-se de acordo com as opiniões dos seus anciões. E ao mesmo tempo se aplica a questões religiosas, conhecimento oculto, ciência natural das folhas medicinas de seus povo, iniciação à arte local, história de seus antepassados, divertimento e recreação de seus saberes, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à unidade primordial das suas comunidade, que aponta a tradição oral que é uma fonte essencial de sabedoria, da história e valores éticos, transmitidos de geração em geração através de narrativas, mitos, contos e rituais das sociedades culturais.

Assim, uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de todo o processo de iniciação pelo ritual da fala, que é transmitido principalmente pelos sobas grandes das comunidades. O conhecimento é compartilhado, de individuo para individuo, sempre buscando preservar a coletividade.

A tradição oral é mantida através da participação de cada cidadão que se torna o único responsável por conhecer e repassar os ensinamentos adquirido pelos sobas, não há um livro sagrado com os ensinamentos e sim o conhecimento de cada um, que é compartilhado, experimentado, através dos ritos, mitos e da oralidade, a preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de tradição oral. (Vansina, 1961, p. 140).

Por esses motivos culturais, nomear essas pessoas não basta somente a maioria escolher ou indicar alguém e estará tudo certo. Pois para o povo do norte de Angola as palavras dos mais velhos, ou seja, dos anciões ou da ânsia é o que vale, não importa se a pessoa escolhida por eles tem um estudo acadêmico ou não. Desta maneira se segue a tradição de convocar os anciões e os chefes de família para qualquer problema que tiver no bairro para serem solucionados por ele antes que seja encaminhado para outros órgãos da sociedade.

As civilizações africanas, tanto no Saara quanto ao sul do mesmo, eram em grande parte civilizações baseadas na palavra falada, mesmo na África Ocidental onde já existia a escrita, a partir do século XVI, poucas pessoas sabiam escrever e o ato de se escrever ficava relegado a um plano secundário diante dos interesses da sociedade. Diante de tais fatores, seria um grande erro considerarmos que a civilização africana era primitiva por priorizar a comunicação oral em detrimento da escrita. (Vansina, 1961, p. 159).

Para os problemas de preocupação de todo o município ou para anunciar um novo rei, soba ou um problema como a seca, a falta de chuva ou doenças que estão assolando a população, que nem as autoridades e nem a medicina estão conseguindo solucionar, são convocados todos

os sobas e regedores de todas as partes do município para uma conversa com o Rei do município a fim resolver estes problemas.

De acordo com Vansina (1982), uma sociedade cultural que reconhece a oralidade certamente tem a fala não apenas como um meio de comunicação, mas, também como um meio de preservação da tradição culturais, das sabedorias locais dos ancestrais e dos anciões que são venerados e que poderiam chamar de biblioteca humana e chave ao acesso aos segredos da comunidade, isto é a tradição oral africana. Pois pode se afirmar que a tradição pode ser definida de fato como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra.

Após a conversa o Rei manda convocar a população, a partir da pessoa que é responsável em anunciar qualquer informação ou decisão que foi tomada na Regedoria, informando que o Rei mandou convocar a população que terá uma reunião no Nkondo, e que vai se tratar sobre o determinado problema. Pois, o caso da convocação de todos se aplica também quando a realização dos testes para quem foi escolhido ao cargo de Soba termina. Pois os mesmos testes para a capacidade para o cargo de Soba não podem ser feitos em público por ser muito perigoso em termos espirituais.

Dialogando com as teorias de Vansina (1982), a tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. E, pois, a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade como muitos têm se referido às comunidades culturais que ainda tem a oralidade como ferramenta fundamental para a transmissão dos seus saberes.

Ao abordarmos os princípios fundamentais da oralidade africana e seus reflexos nas manifestações musicais nos Estados Unidos é importante ressaltarmos que na cultura africana, o emprego da articulação da palavra como forma de expressão da língua, detém um alto grau de importância nas suas culturas. (Pires, 2008, p. 18).

Na cultura ambrizetana, os seus rituais são feitos de forma oral em língua nacional do município que é kikongo, e essas palavras utilizadas nesses rituais não podem ser utilizadas de forma banal, para não atrair o mal ou deixar os ancestrais bravos ou revoltados. Pois, essas palavras só podem ser utilizadas em questão de problemas de óbitos, em casa em onde ocorrem falecimentos de membros da mesma família, em caso de feitiçaria, um para com outro, ou em casos necessários e como em oferendas quando há muitos casos de falecimento de pessoas no mar ou no rio. Nkondo “embondeiro é a árvore escolhida para se centrar abaixo de sua sobra para resolver problemas da população”.

A tradição oral conduz o homem à sua totalidade e, em virtude disso, pode -se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana. Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se relacionam e interagem (Hampâté-Bâ, 1972, p. 170).

Segundo os Soba e Regedor local dizem que pelo tamanho que a árvore tem, é a única capaz de suportar o problema da poluição. Pois, essa árvore se não for cortada, ela pode ficar até sem ano de existência). Ademais, a pessoa responsável em informar a população, é chamada de Boka Nkoki. É por intermédio dele que as informações importantes para a população são passadas e cada comuna também é determinada uma pessoa como Boka Nkoki e deve ser a pessoa confiável do Rei, utilizando apenas a transmissão oral como único meio de comunicação.

Para Silva (2017), a tradição oral se faz presente tanto em culturas sem escrita, quanto em culturas escritas, podendo ser resgatada através da metodologia de história oral. Muitas religiões afro-brasileiras, apesar de inseridas em um contexto sócio cultural baseado na escrita, mantiveram a tradição da oralidade na construção e ensino de suas práticas. A manutenção da tradição é uma forma de continuação e legitimação do passado, restabelecendo os laços com as suas raízes africanas.

O povo ambrizetano acredita que se não existir essas tradições o município pode cair em um caos, porque eles têm essa tradição cultural para vários fins, tais como, para casamentos tradicionais, pedido, Alambamento, apresentação do noivo pela primeira vez a família do noivo, quando há falta de chuva no município, e outras situações. Ademais, os lugares sagrados em cada bairro servem para um determinado fim, para a tradição local. Alguns relatos dizem que os sobas na fase dos seus testes são obrigados a dormir neste mesmo lugar, nganda do nganzo (bairro), era o lugar mais difícil de alguém resistir ao teste de feito aos Sobas de dormir nesse lugar sagrado e depois de sair do lugar de dormir, essa pessoa que está submetido ao teste, tem que passar no meio da perna da Rainha como o teste final, para ser o Soba são ditas as palavras sagradas em Kikongo para finalizar a tradição cultural do povo ambrizetano.

A oralidade pode expressar aspectos místicos, ou apenas relatar fatos ocorridos durante um determinado período histórico. Para os povos do Ocidente africano, a fala humana é vista como o poder da criação. Na África Ocidental, a fala é considerada a materialização das forças místicas interiores do espírito. Devemos entender que, de maneira geral, todas as tradições africanas postulam uma visão mística do mundo. Enquanto na Europa, a palavra magia é vista

em um sentido negativo, na África é vista como a manipulação das forças visando prover o equilíbrio do universo (Pires, 2008).

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa, apresenta uma explicação sobre o conceito da tradição oral e a importância da transmissão do conhecimento cultural por meio da oralidade no município do Nzeto. A coleta de dados da pesquisa será a partir de levantamento bibliográfico, tendo em conta que a pesquisa bibliográfica busca reunir e analisar materiais já publicados, como livros, artigos e outros documentos, sobre o tema de estudo. Segundo autores como Mahmood Mamdani, um influente acadêmico africano, a pesquisa bibliográfica permite contextualizar fenômenos sociais e históricos a partir de um referencial teórico pré-existente. Além disso, ela ajuda a refinar hipóteses e questões de pesquisa, como destacado por diversos pesquisadores. De acordo com autores como Marconi e Lakatos (2003), essa metodologia se fundamenta no exame de contribuições teóricas existentes, com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto em pesquisa, sem o contato direto com o objeto de estudo. Gil (2002) também aponta que a pesquisa bibliográfica é indispensável para a construção de uma orientação teórica saudável, tanto que muitos autores africanos e ocidental renomados, utilizaram esse processo de pesquisa de saberes já existentes em discussões nos materiais de artigos disponíveis como campo de pesquisa.

Será feita também uma entrevista, não dirigida, de forma remota, utilizando meios eletrônicos para a realização da mesma, como WhatsApp, google meet. Além disso, vale destacar que a entrevistas são uma técnica comum de coleta de dados em pesquisas qualitativas e podem ser estruturadas ou semiestruturadas, dependendo do nível do rigor das perguntas. Martins (2018) destaca que as entrevistas são essenciais para compreender a perspectiva dos participantes sobre um fenômeno podendo também ser usadas para coletar dados mais detalhados e profundos em estudos de campo.

As entrevistas permitem coletar percepções diretas de indivíduos sobre o assunto em pesquisa, enriquecendo os dados obtidos na pesquisa de campo. Pois o pesquisador coleta dados subjetivos diretamente dos participantes, o acadêmico nigeriano Olufemi Taiwo, por exemplo, usa entrevistas em suas pesquisas para entender a transição social e política no continente africano. Ele destaca que as entrevistas podem ser estruturadas ou semiestruturadas, dependendo da natureza dos dados que se pretende alcançar na pesquisa. E por meio de

questionário com 10 ou mais perguntas a Sobas e Coordenadores e as anciãs do município do Nzeto vai ser submetido a metodologia de pesquisa, a entrevista. Para observar a transmissão dos conhecimentos tradicionais do Nzeto que foram orientados ou ensinados, e principalmente os lugares sagrados de tradição que estão relacionados na resolução dos problemas tradicionais.

A proposta do trabalho é responder como esses conhecimentos tradicionalmente culturais presentes no Nzeto podem ajudar na resolução dos problemas que o município tem passado. E como ocorre a transmissão do saber aos Sobas e Coordenadores que tem a função de transmitir essas tradições para a comunidade e de que forma eles repassam esses ensinamentos ao povo.

Para a realização do trabalho de pesquisa, em primeira instância, será feito uma pesquisa sobre o conceito de tradição oral, no intuito de apresentar a sua importância para a transmissão de ensinamento, e proporcionar um material para auxiliar nas entrevistas, que serão feitas com base no questionário. Após a entrevista, será realizada a conclusão do trabalho na qual se pretende responder às perguntas propostas anteriormente.

Ademais, essa pesquisa será exploratória para compreender melhor o fenômeno da tradição oral e sua relação com a resolução de problemas no contexto do município do Nzeto. Além disso, será descritiva para analisar em detalhes como os conhecimentos tradicionais são transmitidos e utilizados pelos líderes comunitários, ou seja, pelos Sobas.

A pesquisa contou também com levantamento bibliográfico sobre tradição oral e transmissão cultural, entrevistas não direcionadas remotas, utilizando meios eletrônicos como WhatsApp e Google Meet. Baseado no questionário com 10 ou mais perguntas direcionadas aos sobas, coordenadores e anciãs do município. Pois será realizado um levantamento bibliográfico em fontes acadêmicas como repositório, e literatura sobre tradição oral e transmissão cultural e questões sobre as teorias de atores africano relacionadas à oralidade. Isso proporcionará uma base teórica para embasar a minha pesquisa.

As entrevistas serão conduzidas de forma não dirigida, permitindo que os participantes expressem livremente suas experiências, percepções e conhecimentos relacionados à tradição oral e sua aplicação na resolução de problemas. A escolha de realizar as entrevistas remotamente via WhatsApp e Google Meet permite alcançar uma maior variedade de participantes e facilita a coleta de dados, especialmente considerando o contexto atual de distanciamento social que eu me encontro para fazer presencialmente a pesquisa. O questionário será projetado para explorar detalhadamente os métodos e processos de transmissão dos conhecimentos tradicionais, bem como identificar os lugares sagrados de tradição e sua importância na resolução de problemas tradicionais.

Certamente, terei muito cuidado com o questionário, que será desenvolvido com atenção para garantir que as perguntas sejam claras, relevantes e capazes de fornecer o resultado esperado sobre o tema em questão. Será feita uma revisão cuidadosa do questionário para garantir sua eficácia na coleta de dados.

7 CRONOGRAMA

2022.2	2023.1	2023.2
---------------	---------------	---------------

REFERÊNCIAS

- CHATELAIN, Héli. **Contos folclóricos de Angola**: cinquenta contos, com texto em Kimbundu, tradução literal para o inglês, introdução e notas. Boston: Sociedade Americana de Folclore, 1894.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Armindo Jaime. Compreender a tradição oral no contexto angolano. **Buala**, 2021. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/compreender-a-tradicao-oral-no-contexto-angolano>. Acesso em: 28 fev. 2025.
- HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. **A tradição viva**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 1972.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MAMDANI, Mahmood. Citizen and Subject: **Contemporary Africa and the legacy of late colonialism**. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- MARTINS, Lindevania. **Zona de desconforto**. São Paulo: Benfazeja, 2018.
- MILHEIROS, Mário. **A tradição oral e a história**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1967.
- PIRES, Ricardo Annanias. **A tradição oral africana e as raízes do jazz**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: DOI: 10.11606/D.8.2008.tde-24112009-161055. Acesso em: 4 maio 2024.
- REDINHA, José. **Etnias e culturas de Angola**. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1975.
- ROCHA, José Geraldo; SILVA, Cristina da Conceição. A transmissão do conhecimento nas culturas populares de matrizes africanas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN**, v. 7, n. 15, p. 240–254, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/123>. Acesso em: 4 maio 2024.
- SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos; ALVES, Janaina Bastos. A tradição oral para povos africanos e afro-brasileiros: relevância da palavra. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN**, v. 9, ed. especial, p. 50–76, 2017. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/464>. Acesso em: 4 maio 2024.
- SILVA, Alice Cristina. **A tradição oral do Candomblé**. 2017.
- TAIWO, Olufemi. **How colonialism preempted modernity in Africa**. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- VANSINA, Jan. **História geral da África**: a tradição oral e sua metodologia. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 1982. p. 140–159.